

EDUCAÇÃO SOBRE A MORTE E O LUTO NAS ESCOLAS: PERCEPÇÕES DE EDUCADORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

Suellen Schott¹, Suzana Feldens Schwertner²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar, por meio de um grupo de discussão, como se desenvolve o trabalho com estudantes em situações de morte e de luto no contexto escolar. Conjeturando isso, pergunta-se: quais as percepções de professores da Educação Infantil e Anos Iniciais sobre a temática da morte e do luto? Este estudo descritivo e exploratório analisou, no decorrer de três encontros presenciais, as experiências e anseios de um grupo de educadoras acerca do tema. Com duração aproximada de 45 minutos, os encontros produziram discussões, gravadas em meio digital e transcritas na íntegra, analisadas através da Análise Textual Discursiva (ATD). Foram elaboradas três categorias: 1) “A morte (não) entra na sala de aula”; 2) Outros modos de abordar a morte e o luto nas escolas” e por fim, “A gente estuda tanta coisa [...] mas nunca é algo referente a este tema”: possibilidades e limitações ao abordar a morte nas escolas”. Conclui-se, ao final, a necessidade de ampliar o olhar para essa temática nas escolas e que abordar a morte e o luto também é uma possibilidade de pensar sobre a vida e proporcionar uma formação integral aos estudantes.

Palavras-chave: morte; luto; escola; estudantes; educadoras.

EDUCATION ABOUT DEATH AND GRIEF IN SCHOOLS: PERCEPTIONS OF EARLY CHILDHOOD AND ELEMENTARY SCHOOL EDUCATORS

Abstract: This article has as an objective to analyze, through a discussion group, how work with students in situations of death and grief is carried out in the context of school. With this premise, the question is: what are the perceptions of early childhood

1 Graduada em Psicologia pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Possui formação em Clínica Psicológica para Pessoas Enlutadas, especializanda em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto. E-mail: suschott@gmail.com

2 Psicóloga. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil. Doutora em Educação. Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates. E-mail: suzifs@univates.br

education teachers on the subject of death and grief? This descriptive exploratory study analyzed, through three presencial encounters, the experiences and concerns of a group of educators regarding the topic. With a duration of approximately 45 minutos, the encounters produced discussions, which were recorded digitally, fully transcribed and analyzed through Discursive Textual Analysis (DTA). Three categories were created: 1) "Death does (not) enter the classroom"; 2) "Other ways of talking about death and grief at schools" and finally, 3) "We study so much stuff [...] but it's never anything on this topic: possibilities and limitations when talking about death at school". At the end, it was concluded that the need to expand the look on this topic at school and approaching death and grief is also a possibility to think about life and give the students a more complete education.

Keywords: death; grief; school; students; educators.

1 INTRODUÇÃO

O tema da morte e do morrer é recorrente em nossa sociedade. Ele está presente em filmes como o francês "Amour" (2012), nas animações "O Rei Leão" (1994) e "Soul" (2020), em séries como "After Life" (2019-2022), livros como "O ano do Pensamento Mágico" (Didion, 2005) e a "Morte é um dia que vale a pena viver" (Arantes, 2016), nos noticiários de TV e estampados diariamente nos jornais seja por virtude de um acidente, uma morte natural ou um assassinato.

Todavia, Kovács (2021) reflete que embora o assunto seja amplamente divulgado como uma fatalidade alheia, distante de nossa realidade, existe pouco espaço para se tratar do tema quando ele ocorre em nossa vida. Este estudo justifica-se, pois, embora o luto seja uma vivência a qual todos nós iremos experimentar (ou já experimentamos) em algum momento de nossa existência, ele segue sendo uma temática pouco discutida. Nega-se a urgência deste tema assim como tenta-se negar a irreversibilidade da morte, que escancara a nossa porta em algum momento de nossa vida.

Se este tema já é considerado um tabu ao ser discutido por adultos, quando se trata de expor com crianças esta problemática se torna ainda mais sensível, visto a dificuldade dos adultos em abordar a temática com crianças (Kovács, 2021). É possível que este comportamento seja fruto de uma tentativa de protegê-las da dor da perda, ou por imaginar que elas não disponibilizem dos recursos emocionais necessários para encarar a complexidade de tal situação. No entanto, devemos considerar a importância de estratégias para acolher crianças enlutadas, sobretudo quando este luto ocorre de forma repentina, impossibilitando que a criança realize o luto antecipatório.

Kovács (2008) observa que embora a escola desempenhe um importante papel na vida dos educandos, os professores e demais funcionários não sabem lidar com as crianças que estão vivenciando a perda de um familiar, amigo, colega ou mesmo funcionários da própria instituição de ensino. Contudo, crianças e adolescentes deparam-se, no decorrer de seu desenvolvimento,

com situações de perda e luto, suscitando assim a necessidade de um olhar atento e cuidadoso dos educadores e também das instituições de ensino. Para Rodriguez (2008), o ambiente escolar e os professores podem ser fonte de controle e segurança para a criança em um momento de que o seu mundo presumido desmoronou.

A temática da morte e do luto, embora já presente na literatura anteriormente, passou a ter maior alcance ao ser abordada pela psiquiatra Suíça Elisabeth Kübler-Ross (2017) com seu livro “Sobre a morte e o morrer”, lançado em 1969, onde a mesma definiu as cinco fases do luto. Este processo possibilitou o início de um olhar mais humanizado sobre a morte e o morrer.

Pensando no contexto brasileiro, podemos citar a médica e escritora Ana Claudia Quintana Arantes (2016; 2020), que vem realizando um trabalho cuidadoso e sensível sobre a temática da finitude, sobretudo no que confere a cuidados paliativos. Do mesmo modo, nomes como Maria Helena Pereira Franco (2007), Maria Helena Pereira Franco e Luciana Mazzorra (2021), Maria Julia Kovács (2008) e Gabriela Casellato (2020) desempenham um importante papel com seus estudos e publicações sobre a temática da morte e do luto no cenário de nosso país.

Corroborando com a urgência de estudar o tema, podemos destacar a recente pandemia provocada pelo vírus causador da COVID-19, o coronavírus, que segundo o Ministério da Saúde, vitimou até o final do mês de maio de 2023 mais de 702 mil pessoas somente no território nacional (Coronavírus..., [2023]). Estes números, por si só estarrecedores, ganham uma magnitude ainda maior se pensarmos na quantidade de pessoas enlutadas por perder uma pessoa significativa de sua vida. Atrás de cada vida perdida existe um número muito maior de sujeitos de todas as idades, enlutados por terem perdido familiares, amigos ou colegas.

Mais do que nunca, a necessidade de olhar a temática do luto e da morte se faz presente, sobretudo no contexto escolar. Pois, conforme Mazorra e Tinoco (2020) expressam, tal qual o ambiente familiar, a escola é um espaço importante para oferecer continência e suporte em um momento de dor e desorganização da criança.

Sendo assim, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender esse tema tão complexo de ser abordado dentro do ambiente escolar. A morte, assunto interdito em nossa sociedade, necessita que espaços de discussão sejam abertos dentro da escola para que ela seja compreendida como parte do desenvolvimento humano e não como algo proibido e temido (Aragão, 2022). O olhar desta pesquisa estará voltado aos relatos de experiência de professores e professoras da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, tendo como disparadores livros infantis sobre a morte. Este estudo também busca compreender como eles percebem e vivenciam a educação sobre a morte e o luto no ambiente escolar. O papel da Psicologia diante deste tema se faz importante para compreender os medos e anseios dos educadores ao lidar com esta temática. Espera-se que, a

partir desta investigação, se possa produzir recursos que os auxiliem na tarefa de abordar o tema em sala de aula, bem como acolher estudantes que estejam passando por um processo de luto.

O tema da pesquisa trata da “Educação sobre a morte em escolas” e a delimitação deste tema propõe um olhar sobre as percepções de educadoras sobre a morte e o luto na Educação Infantil e nos Anos Iniciais. A pergunta da investigação assim se apresenta: quais as percepções de educadoras sobre a temática da morte e o luto Educação Infantil e Anos Iniciais? O objetivo geral busca conhecer e analisar as percepções de como educadoras da Educação Infantil e Anos Iniciais percebem o trabalho em situações de morte e de luto.

Já os objetivos específicos deste estudo propõem: verificar como educadoras abordam a temática da morte e do morrer no ambiente escolar; identificar como as profissionais se sentem para abordar o tema da morte e do luto com estudantes; investigar como o tema da morte é abordado em sala de aula quando ele atinge algum familiar, estudante ou colaborador da escola e, por último, listar recursos e estratégias para lidar com dificuldades na abordagem do tema nas escolas.

A seguir, apresentam-se os procedimentos metodológicos que envolveram a realização da pesquisa e, na sequência, discutem-se os resultados produzidos no decorrer de três tópicos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo pretende analisar as percepções de educadoras da Educação Infantil e Anos Iniciais sobre a temática da morte e do luto em sala de aula. Esta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número de CAAE XXXX, utilizou-se da investigação qualitativa e descritiva, tendo como amostra da mesma um grupo de três participantes. A divulgação e captação dos possíveis interessados em contribuir para esta pesquisa deu-se através de um folder publicado em redes sociais (Instagram, Facebook e WhatsApp), por entender que estas são as redes sociais mais utilizadas pelos sujeitos na atualidade. Concomitante a isso, também foram encaminhados fôlderes para escolas localizadas no município da universidade.

A produção de dados ocorreu em três momentos distintos na Brinquedoteca de uma Universidade do interior do Rio Grande do Sul. Os encontros ocorreram em grupo, momentos em que foram distribuídas oito perguntas disparadoras. Participaram destes encontros duas professoras de Anos Iniciais e uma psicopedagoga com idades entre 36 e 48 anos, residentes e atuantes no interior do Rio Grande do Sul. Para preservar a identidade das participantes desta pesquisa, elas serão denominadas como P1, P2 e P3. P1 atua há 17 anos na área da Educação e atualmente é professora de uma escola da rede particular de ensino. P2 atua há 20 anos como docente e atualmente leciona em uma escola da rede pública. A terceira participante, P3, possui 22

anos de docência e atua há um ano como psicopedagoga em três escolas da rede pública, atendendo estudantes da Educação Infantil até o Ensino Médio.

Os encontros, com a duração de 45 minutos, aconteceram no período entre 04 e 18 de abril de 2023, nas terças-feiras, com duração aproximada de 45 minutos cada. Cada um dos encontros está indicado no texto, respectivamente, como E1, E2 e E3. Eles foram gravados e transcritos integralmente mediante leitura e assinatura prévias de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado pelas pesquisadoras. No início de cada encontro, como forma de sensibilização acerca do tema, foi realizada a leitura de um livro de literatura infantil. Tal momento também propiciou a apresentação de um recurso possível a ser utilizado em sala de aula, pelas participantes. Em seguida, foram disparadas algumas perguntas em cada um dos encontros, conforme organização apresentada a seguir:

Quadro 1 – Encontro I

Roteiro de perguntas do primeiro encontro
1. Vocês já vivenciaram uma situação em que um estudante sofreu a perda de uma pessoa significativa?
2. Caso vocês já tenham vivenciado uma experiência de perda de uma pessoa significativa de um estudante, como vocês conduziram a temática em sala de aula?
3. Como vocês percebem que as crianças trazem a temática da morte para a sala de aula?

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Quadro 2 – Encontro II

Roteiro de perguntas do segundo encontro
1. Como vocês entendem o seu papel frente a um estudante em situação de luto?
2. Como se sentem para lidar e acolher situações de luto vividas por estudantes dentro do contexto escolar? Por quê?
3. Vocês sentem que as habilidades da BNCC sobre a temática da morte em Anos Iniciais deveriam se estender para além do Ensino Religioso ou não? Por quê?

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Quadro 3 – Encontro III

Roteiro de perguntas do terceiro encontro
1. Quais as dificuldades que percebem ao lidar com a temática?
2. O que poderia lhes auxiliar a trabalhar a temática da morte e do luto com estudantes de Educação Infantil e Anos Iniciais?

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Ao final de cada encontro, avaliavam-se conjuntamente sobre como todas estavam se sentindo após o momento de discussão e um material previamente elaborado com sugestões de estratégias para abordar o tema nas escolas era apresentado.

A técnica de análise escolhida para a análise dos dados foi a Análise Textual Discursiva. Considerando a abordagem, os autores discorrem que nela:

[...] as realidades investigadas não são dadas prontas para serem descritas e interpretadas. São incertas e instáveis mostrando que ideias e teorias não refletem, mas traduzem a realidade e por que não pensar que produzem a própria realidade, realidade de discurso sempre em movimento (Moraes; Galiazzi, 2006, p. 121).

A análise das transcrições foi realizada buscando relacionar aproximações e distanciamentos daquilo que foi relatado pelas participantes em suas articulações com os referenciais teóricos utilizados para fundamentar o artigo.

Medeiros e Amorim (2017) sustentam que a Análise Textual Discursiva possui sua tônica principal na compreensão do tema pesquisado e que tal entendimento objetiva a transformação da realidade, partindo das perspectivas pessoais dos sujeitos investigados.

A Análise Textual Discursiva pode ser compreendida como um conjunto de operações divididas em três etapas. A primeira delas é a unitarização. Nela ocorre a desmontagem e fragmentação dos textos que serão analisados, objetivando o entendimento dos sentidos existentes neles. A etapa seguinte da ATD consiste na categorização: ela busca realizar uma espécie de organização e estabelecimento de ordem dessas categorias encontradas na primeira etapa, almejando novas possibilidades de compreensão acerca dos fenômenos investigados. Por fim, a terceira etapa busca realizar a comunicação daquilo que foi compreendido no que diz respeito ao objeto analisado (Medeiros; Amorim, 2017; Moraes; Galiazzi, 2006), com a produção de metatextos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta as articulações desenvolvidas após a transcrição das entrevistas e posterior análise de dados. As relações somadas às ideias dos autores selecionados produziram as três unidades de análise a seguir: A unidade 3.1, sob o título de “A morte (não) entra na sala de aula”, em que as educadoras discorrem sobre as dificuldades em abordar o tema em sala de aula. No item 3.2, “Outros modos de abordar a morte e o luto nas escolas”, que indica como as participantes podem estar mais preparadas para abordar estas questões do que inicialmente se supõe. E por fim, o item 3.3: “A gente estuda tanta coisa [...] mas nunca é algo referente a este tema”: possibilidades e limitações ao abordar a morte nas escolas”, versa sobre as possibilidades e limitações em abordar o tema nas escolas.

3.1 A morte (não) entra na sala de aula

Ao se pensar no ambiente escolar como um espaço onde as crianças tendem a passar considerável parte de seu tempo desde a mais tenra idade, refletir sobre assuntos difíceis como a morte e o luto tornam-se questões pertinentes a serem trabalhadas pelos professores dentro do ambiente escolar.

A escola vai muito além de um local de ensino, ela é também um espaço de segurança, não apenas física, mas também emocional. Paiva (2011) indica a escola como sendo o segundo lugar de segurança para uma criança, sendo o primeiro deles a família. É sabido que em algumas situações essa lógica pode até se inverter, visto que algumas famílias podem ter questões que as tornam especialmente desorganizadas ou, ainda, passarem por situações difíceis em que os cuidadores se encontram em um momento delicado, não conseguindo oferecer a continência necessária para a criança. E o que falar sobre a importância da escola no pós-pandemia? Muitos são os estudos que seguem indicando a relevância deste espaço no cuidado e acolhimento às crianças (Menezes; Schwertner; Hattge, 2022).

Entretanto, apesar da urgência do tema, existe uma dificuldade da instituição escolar em tratar sobre o tema e dos professores ao abordar a temática da morte em sala de aula. Muito disso deve-se ao forte tabu acerca dos debates e das conversas sobre a morte. Ariès (2003) corrobora com este fato ao discorrer sobre o desaparecimento deste assunto tão comum no passado. A morte e seu consequente luto, que anteriormente era uma pauta presente nas famílias e na sociedade, passou a ser um tema inaudito, de modo que mesmo “[...] dentro do círculo familiar ainda se hesita em desabafar, com medo de impressionar as crianças” (Ariès, 2003, p. 87). Considerando essa dificuldade em abordar o tema no seio familiar, pode-se esperar um cenário ainda mais abstruso quando a pauta da morte e do luto entram em cena no ambiente escolar.

Os relatos apresentados pelas docentes evidenciam uma forte tendência existente em nossa cultura (e no ambiente escolar) que presume que não falar

sobre o tema da morte é uma maneira de mitigar o luto. Embora considerem a morte como uma das únicas certezas da vida, entendem que a temática não recebe o devido espaço em conversas e debates. Percebe-se essa questão por meio das falas de algumas entrevistadas:

[...] o que eu vejo muito nas nossas escolas [...] a nossa cultura não é de falar da morte e desse tipo de coisa, sabe? “Ah, não! Não vamos falar disso! Ah! Isso não», sabe? Cada vez acredito mais e penso mais que a gente precisa, sim, falar disso, porque isso é uma coisa certa na vida da gente. Uma das únicas coisas certas para nós e a gente não fala disso. Claro! É triste e ninguém quer perder ninguém, mas a gente precisa. A gente sabe que isso vai acontecer, mas a gente não fala sobre. A nossa cultura não é de debater sobre (P3, E1).

[...] É como a gente estava conversando, o alemão, a nossa região é turrona, a gente não comenta isso, assim (P2, E1).

Eu já escutei muito assim: ‘Ah... perdeu o pai! Não vamos falar disso, não vamos lembrar ele disso. De repente isso vai machucar, melhor não falar!’ E isso acaba sendo esquecido, não ajudando em nada. Eu vejo muito isso nas escolas do interior, no interior essa realidade é mais gritante ainda (P3, E3).

A partir dos excertos das educadoras, evidencia-se a cultura como um dos pontos a serem considerados na forma de lidar com o assunto. Atribui-se à influência da colonização germânica na região o comportamento mais reservado das pessoas frente a situações de morte e luto. As mesmas entendem que a dificuldade em falar sobre o tema pode – embora não determine – ser uma característica da postura mais reservada, fruto da colonização regional.

Levando em conta a questão cultural ainda fortemente arraigada às origens germânicas, podemos considerar o entendimento de Casellato (2020), que expressa que cada cultura possui rituais singulares e estes moldam o comportamento do próprio enlutado e do seu meio.

Somado a isso, é perceptível a dificuldade das educadoras em abordar o tema quando este surge em sala de aula. De acordo com elas, discorrer sobre o assunto é algo muito delicado. E esta dificuldade em abordar o tema não se restringe apenas quando se refere às limitações das próprias educadoras, mas também às crianças e em como isso irá reverberar para seus pais e/ou cuidadores em casa. Como exemplo, destacam-se os seguintes relatos das educadoras:

[...] é bem complicado, assim, é muito complicado! Porque o adulto não sabe lidar, também. Pensa na barra que uma mãe tem que segurar, dar conta?! Às vezes a gente não sabe realmente como chegar (P1 E1).

Eu não me sinto preparada para falar disso [...]. E outra questão: a gente precisa tomar sempre muito cuidado por causa das famílias também. Porque às vezes, dependendo do que tu traz, o que tu coloca, alguns não gostam. [...] é um assunto delicado, mesmo a gente sabendo que esse momento vai chegar para todo mundo. [...] e assim, se tu tem quinze, vinte alunos, não importa o número, cada um vai sentir ou reagir de uma forma diferente (P3 E3).

Tu pode falar uma coisa, um vai entender de uma forma, outro de outra, vai chegar em casa e falar de outra (P2 E3).

Estas narrativas fazem refletir sobre o pensamento de Paiva (2011), quando discorre sobre o papel da escola frente a famílias enlutadas. Para a autora, a interlocução entre elas possibilitaria a auxiliar as famílias em suas dificuldades ao abordar o tema. Nesse sentido, Paiva vai além e reflete que “[...] o agente transformador desse trabalho é o professor que exerce dupla tarefa: de educador e formador” (Paiva, 2011 p. 54).

Ao pensar a relação escola-família entende-se que os educadores podem oferecer suporte aos pais por meio de uma base segura. Esta base, construída pela convivência diária com os estudantes, possibilita atentar quanto à mudanças dos mesmos em virtude do luto. Ademais, este contato frequente com os professores pode oportunizar com que eles sejam uma referência aos estudantes e família enlutados. Na medida em que isso ocorre, os pais sentem-se mais acolhidos e encorajados para viver o seu luto e prestar apoio aos filhos (Mazorra; Tinoco, 2020; Kovács, 2021).

Contudo, é sabido que, em decorrência, sobretudo, de atravessamentos culturais e religiosos, nem sempre este diálogo é possível. Desse modo, como observado por Kovács (2021), a temática da morte acaba sendo pouco abordada dentro das escolas, recebendo espaço somente em situações específicas e de forma individual, em que algum familiar de aluno ou membro da escola vivenciam uma perda.

Deste modo, pelo tabu envolvido no tema e a dificuldade dos educadores em abordar a temática e das famílias aceitarem que este assunto seja discutido, a escola perde a oportunidade de ser um espaço possível de acolher e trabalhar as angústias geradas por perdas. O amparo possível a ser encontrado por professores e colegas deixa de ser uma realidade. E o enlutado acaba ficando sem a possibilidade de uma rede para auxiliá-lo na elaboração de seu luto.

Pensando ainda no papel da escola e de seus educadores frente ao processo de elaboração do luto, deve-se enfatizar que cada sujeito vivencia a perda de um modo particular, tal como as educadoras abordaram. Da mesma maneira, o tempo para aprender a lidar e viver o luto pode variar de pessoa para pessoa. Pensando em quando essas perdas e sentimentos são vivenciados por crianças, Mazorra e Tinoco (2020, p. 40) enfatizam que “[...] crianças de

todas as idades conseguem compreender a experiência da perda e separação e passar pelo processo de luto”.

Os autores ainda referem que em momentos como este a escola pode ser uma base segura para as crianças. O que resta saber é de que forma este tema pode entrar nas escolas. E, também, quais outros modos de se aproximar da temática, a partir do olhar dos estudantes.

3.2 Outros modos de abordar a morte e o luto nas escolas

O tema da morte, conforme as educadoras, muitas vezes se apresenta de outros modos no ambiente escolar: ele nem sempre surge com a perda de uma pessoa de seu círculo familiar ou convívio. Muitas vezes, esta temática se apresenta em sala de aula por meio da perda de um animal de estimação, por exemplo a perda de um cachorro, gato, peixinho.

Podemos pensar também nas mortes simbólicas, como as pequenas perdas enfrentadas por crianças no universo escolar. Alguns exemplos disso seriam situações como a troca de professores, de turmas ou, ainda, de escola. Podemos considerar igualmente as perdas familiares, como a separação dos pais, mudanças de cidades, perdas financeiras, distanciamento de amigos como possibilidades de pensar sobre o luto – e, com isso, criar recursos emocionais para suportar e enfrentar situações mais delicadas, como uma morte de um ente querido e seu luto subsequente (Paiva, 2011; Kovács, 2021).

A temática envolvendo outras mortes e lutos, tais como aquelas que remetem à perda de animais de estimação, esteve presente nas contribuições apresentadas pelas educadoras. Do mesmo modo, relatos trazidos por elas envolvendo a morte de outros animais, que não de estimação, também apareceram. Algumas contribuições evidenciam que este tema é uma das primeiras maneiras com que o assunto se manifesta na sala de aula. A temática parece surgir com espontaneidade pelos estudantes, demonstrando que estes podem estar mais abertos a debater sobre a educação acerca da morte e do luto do que se supõe. As falas das educadoras denotam que, quando não relacionados à perda de pessoas, o tema é encarado de modo mais leve, apontando que este também pode ser um recurso para se pensar sobre o assunto:

Quando se trata da morte de um animal de estimação eles contam, mas quando se trata da perda de uma pessoa quem traz mais é a família (P1 E1).

Do bichinho de estimação, volta e meia vem um e conta: ‘meu gatinho morreu, nós fizemos um velório’ ou então: ‘meu cachorro morreu’, eles ficam muito sentidos (P3 E1).

É interessante que eles trazem assim: “Ah! Profe meu cachorrinho está lá” [referindo-se ao céu] [...] (P3 E3).

Outra fala interessante diz respeito aos rituais realizados por estudantes. Neste relato, a educadora refere os rituais de despedidas elaborados por eles com pequenos animais e insetos que encontravam mortos pela escola. Segundo ela, esses momentos eram encarados de forma leve e natural, como um evento que faz parte da vida, como pode ser percebido nos seguintes excertos:

A minha turma do ano passado, uma delas, quando eles encontravam um bichinho morto faziam uma caixinha bem bonitinha com papel dobrado. Perguntava o que estavam fazendo, respondiam que era 'o caixão da formiguinha'. No final da aula ou no recreio, eles iam correndo para um matinho fazer o enterro. Mas era um bichinho ali, para eles era uma diversão, é a minha percepção disso. Mas eu acredito que se fosse a morte de um animal de estimação ou se fosse de alguma pessoa, não seria tratado dessa maneira (P2 E1).

[...] Era quase que semanalmente, eles enterravam um bichinho. Teve até um passarinho que caiu e morreu. Eles também fizeram o enterro (P2 E1).

Indo ao encontro do exposto acima, Conrad e Schwertner (2018) defendem que não é necessário esperar que ocorra a perda concreta de um ente querido para abordar o tema com crianças. As autoras sinalizam que este assunto pode ser discutido a partir de situações vistas ou enfrentadas no cotidiano das mesmas, como a perda de um animal de estimação e as notícias da morte de alguma personalidade famosa.

Ainda nesse sentido, Schuck, Bruxel e Strauss (2014) referem este momento da experiência do ritual de sepultamento como a oportunidade da criança assumir um posicionamento ativo frente à situação imposta. Os autores indicam uma importante reflexão sobre a exclusão das crianças de rituais nesse tipo de acontecimento. Estas, em nascimentos e aniversários, têm sua participação permitida; entretanto, em situações de morte – na maioria das vezes – são afastadas da situação. Deste modo, perdem a oportunidade de realizar elaborações acerca de vivências “[...] essenciais na história de vida da pessoa em permanente (re)construção: perdas e morte, mudanças e incertezas” (Schuck; Bruxel; Strauss, 2014, p. 142).

Para Casellato (2020), os rituais são importantes, pois dão contornos reais e ajudam a organizar a nova realidade imposta. A autora refere ainda que:

Cada cultura tem rituais próprios que influenciam a experiência do luto e regulam as expectativas de comportamentos sociais esperados do próprio enlutado, assim como o que este pode esperar do seu contexto social diante de um momento de profunda ameaça e ruptura de seu mundo presumido (Casellato, 2020, p. 31).

À vista disso, pode-se pensar que os rituais realizados pelos estudantes significam maneiras de desenvolver e internalizar os ritos de sua própria cultura. Uma tentativa de desenvolver – ou repetir – os comportamentos esperados em situações como estas. Cabe a nós, adultos e educadores responsáveis, pensar em possibilidades de acolher e abordar temas relacionados à morte e ao luto no ambiente escolar, seja de modo direto ou indireto.

3.3 “A gente estuda tanta coisa [...] mas nunca é algo referente a este tema”: possibilidades e limitações ao abordar a morte nas escolas

Embora um expressivo número de educadores considere o tema da morte necessário a ser tratado no ambiente escolar, os mesmos não se sentem preparados para abordá-lo (Kovács, 2021). Corroborando com a constatação de Kovács, as participantes discorrem sobre o quanto seria positivo abordar e aprofundar sobre a temática em cursos de Pedagogia, visto que as educadoras indicam não possuir o devido preparo para acolher e tratar sobre o assunto. Seja com os estudantes enlutados ou com seus familiares, quando o tema se apresenta na realidade escolar, como pode ser notado pelas falas das educadoras:

E esse suporte a gente tem que aprender nos cursos de Pedagogia, deveria ser uma das disciplinas, porque a gente realmente não tem essa, o como trabalhar com o luto (P1 E1).

É pouco trabalhado o assunto, eu acho que precisa estender tema na cultura em geral, a gente precisa trabalhar e falar disso, sim. Uma morte, uma perda sempre vai ser muito dolorida, isso não vai mudar. Mas de repente a gente aprende a lidar com isso de forma diferente, leve isso para outro caminho. E quanto mais trabalhado, na minha opinião, melhor (P3 E1).

Eu sinto falta do preparo em si. A gente estuda tanta coisa, busca, compra tantos livros, mas nunca é algo referente a esse tema (P3 E3).

Nesse sentido, as falas de Hattge e Schwertner (2020) refletem que um educador nunca está totalmente habilitado para as inúmeras situações que se apresentam em sala de aula. Contudo, avaliam que embora se esteja preparado – em nível de formação – para todas as demandas que surgem, o professor sempre terá um repertório baseado no que aprendeu em suas vivências e estudos anteriores (Hattge; Schwertner, 2020).

Indo ao encontro do pensamento das educadoras, Casellato (2020) aponta para a necessidade de desenvolver-se uma cultura onde abordar o tema, seja com crianças, adolescentes ou adultos, se torne algo possível, visto que a morte e seu subsequente luto são experiências universais. É sabido que não existe uma forma única e padronizada em como abordar o tema e que a forma de oferecer cuidado e acolhimento nestes momentos pode variar. Contudo,

trazer a pauta para dentro das salas de aula possibilitaria aos estudantes que se encontram em processo de formação a possibilidade de um desenvolvimento mais integral enquanto sujeitos (Kovács, 2021).

Apesar de não haver um componente curricular no decorrer de suas formações que prepare educadores para abordar sobre o a morte e o luto em sala de aula e no ambiente escolar – conforme o relatado pelas educadoras –, estas desenvolvem seus próprios recursos para lidar com o tema quando este se apresenta. Conforme assinalado pelas mesmas, o acolhimento é uma das ações que se destaca nas situações que já vivenciaram em aula. Quando instigadas a pensar sobre seu papel enquanto educadoras frente a um estudante em situação de luto, elas foram unâimes em destacar que o melhor a se fazer é:

Acolher, acolher os sentimentos, acolher o que a família traz. Eu acho que o momento do luto, ele é tão difícil! Então tu acolher aquele sentimento do jeito que ele vier, com tristeza, com medo, com dúvidas. Eu acho que é pra acolher tudo o que está vindo com aquela criança (P1 E2).

O acolhimento é muito importante, mas também respeitar o silêncio, o silêncio fala também. A gente, como professor, como mediador, às vezes não tem o que dizer, o que fazer! Se a criança quer te trazer uma coisa, ela traz! Às vezes acho que pode perguntar: ‘Está tudo bem?’ ou ‘Como tu estás?’ outras vezes não (P3 E2).

O acolhimento, não vejo outra forma! Dar um colinho de vez em quando, um abraço. Não tem outra coisa que está em tuas mãos que tu possa fazer (P2 E2).

Logo, o que se destaca no debate é que embora sintam a necessidade de cursos e formações que lhes proporcionem recursos para abordar o tema em sala de aula, quando ocorrem situações de morte e luto, elas se utilizam de recursos como a sensibilidade, afeto e escuta para acolher tais circunstâncias.

Refletindo sobre o exposto acima e articulando-o com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as educadoras entendem que as habilidades desenvolvidas na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, em relação ao ensino, estão adequadas. Entre essas habilidades, as normativas da BNCC (Brasil, 2018) discorrem sobre aprendizagens como o respeito às emoções expressadas pelos outros, bem como a expressar suas próprias emoções, sentimentos, ideias e desejos. Entre outros objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, destacam-se a empatia, respeitando os diferentes modos de pensar e agir. Contudo, as educadoras compreendem que para se abordar temas sensíveis com estudantes, depende mais da disponibilidade e abertura da escola e dos professores em interpretar quais seriam esses temas, que levariam ao desenvolvimento das habilidades acima indicadas.

Nesse sentido, elas percebem que existem possibilidades de abordar o tema em diferentes disciplinas, adequando-o conforme o nível ou o ano em que os estudantes se encontram. De acordo com elas, uma das maneiras para trabalhar o tema em sala de aula seria aprofundar etapas dentro do ensino das Ciências da Natureza, como no exposto a seguir:

Eu vejo que a questão está mais voltada para como isso é trabalhado dentro da escola, em forma de conteúdo, do que em forma de habilidade e competência. Não sei se teria como aprofundar isso na base, mexer na lei. Acho que isso está bem colocado lá. Mas, sim, que a escola deva ver uma forma diferente de trabalhar com esse tema. Os professores precisam ver formas de trabalhar isso dentro do conteúdo, dos planos de aula. Questionar: 'Ah! Como isso vai ser trabalhado no primeiro ano? E no segundo, no terceiro ano?' Eu acho que isso, sim, deveria ser feito, mas no contexto de escola (P1 E2).

Acho que o tema deve ser trabalhado na escola em todos os conteúdos, por que não? Em Português, a professora pode dar um texto que aborda sobre o tema de maneira sutil. Seria interessante (P2 E2).

Até dentro das Ciências da Natureza, quando se fazem experiências, quando se fala sobre bichinhos, animaizinhos, a gente pode ir trabalhando isso dentro do conteúdo: 'Ah! Como funciona, como é o ciclo da vida?' [...] a gente faz com as crianças, de botar a sementinha lá no algodãozinho na terra e ela germina, mas a gente não fala depois que ela morre. O girassol, ele floresce e ninguém fala o que acontece depois. Então talvez dentro desse contexto de Ciências da Natureza, de vida e evolução... de repente, estar pensando como colocar isso dentro do conteúdo (P1 E2).

Novamente, questões referentes a aspectos culturais, como mencionado na unidade 3.1, aparecem nas falas das educadoras. Estas narram receio da reação das famílias e/ou cuidadores ao abordarem o tema da finitude no ambiente escolar. Tal assunto poderia ser comparado, em nível de problemática de abordagem na escola, com a temática da sexualidade. Para elas, embora sejam temáticas necessárias a serem trabalhadas em sala de aula, é impossível abordá-las de um modo que não venha a deixar descontente alguma família. A mesma percepção também aparece em temas referentes à religião e ao Natal. Segundo as educadoras, sempre há uma temática problema, como pode ser percebido nas seguintes falas:

Como seria para as famílias se a gente trabalhasse isso? Por que quando a gente trabalha a sexualidade dentro da escola... Gente [incomodada]! É um problema! Todos os anos alguma família complica com isso. Então, assim, é um tema importante,

mas como trabalhar? Se tu trabalha com uma história, um livro, tem alguma família que não gostou da história, uma família que reclama [...] Então, todo esse cuidado a gente tem que ter e pensar bastante (P1 E2).

Como fazer? São temas que precisam ser trabalhados, mas sempre dá encrenca (P3 E2).

Complicado também por que cada um tem sua religião, a sua crença [...] uns acreditam em vida após a morte. Outros não. Em reencarnação... Então, são 'N' discussões, né?! E é preciso muito cuidado ao trabalhar com isso dentro de uma escola (P1 E2).

O próprio Natal tem que cuidar! [...] aconteceu em um final de ano: os pais chegaram: 'Como assim, que vocês falaram pro meu filho do pinheirinho, que tem Jesus, [...]'. Eles não acreditavam nisso, então deu a maior confusão. Houve um debate, envolveram prefeitura, envolvendo a Secretaria de Educação (P3 E2).

São temáticas problema (P2 E2).

Percebe-se, pelo exposto acima, que incômodos e conflitos mediante a qualquer temática que venha a ser abordada no ambiente escolar sempre existiram e que possivelmente continuarão a existir. Contudo, são temas que precisam ser abordados, considerando os devidos cuidados às diferentes crenças, valores e culturas, e respeitando a faixa etária e as possibilidades de compreensão de cada sujeito.

O que resta é desenvolver maneiras de abordar tais temáticas. Alguns dispositivos possíveis seriam a literatura infantil, infanto-juvenil e também recursos cinematográficos, como filmes e animações. Outro ponto a ser considerado é o protagonismo e a valorização dos saberes dos estudantes frente ao tema quando ele surge – ou se impõe no ambiente escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas neste estudo possibilitaram compreender as percepções e vivências de três educadoras acerca da temática da morte e do luto em sala de aula. Suas narrativas reforçaram a importância em abordar o tema no ambiente escolar.

No que diz respeito aos resultados deste artigo, percebeu-se que a temática da morte e do luto não costuma ser muito abordada em sala de aula. Ela circula apenas quando uma situação de morte – seja de algum familiar ou de um animal de estimação – se apresenta para algum estudante que está vivenciando um luto. Para as participantes do grupo de discussão, essa dificuldade em abordar o tema também pode estar relacionada a aspectos culturais da região, cuja colonização germânica tende a apresentar um comportamento

mais reservado, mostrando-se pouco disponível a se aproximar e aprofundar discussões sobre estes temas.

Além desse, outros fatores também foram relacionados à dificuldade de abordar o tema. Um deles é a maneira como os familiares ou responsáveis pelos estudantes reagem quando a temática é trabalhada em sala de aula. O comportamento reativo deles muitas vezes faz com que as educadoras se sintam inibidas para apresentar estas questões. Do mesmo modo, elas reportam existir uma lacuna em sua formação acadêmica e continuada quando se trata de olhar para o tema da morte. Contudo, quando o luto de algum estudante se impõe, o acolhimento é o recurso primordial utilizado pelas entrevistadas. Elas sinalizam que o acolhimento, que envolve se mostrar presente e disponível ao estudante enlutado, é o recurso mais realizado e entendem que nem todos se sentem preparados ou dispostos para falar sobre o assunto.

No que diz respeito aos recursos e estratégias para abordar o tema em escolas, percebe-se, pelas falas das participantes, que os próprios estudantes apresentam possibilidades e soluções. Estes frequentemente trazem para compartilhamento em sala de aula aquela que muitas vezes é sua primeira experiência com a morte: a perda de seus animais de estimação. Do mesmo modo, em algumas situações, o ritual da despedida aparece no próprio brincar dos estudantes. O que denota que eles podem estar mais preparados para abordar estas questões do que inicialmente se supõe. Outra maneira possível de se trabalhar o tema pelas educadoras diz respeito à aproximação com as Ciências da Natureza. Em suas falas, elas percebem que o ciclo da vida seria um viés possível no ensino, mas que, contudo, acaba não sendo utilizado.

O presente estudo apresentou algumas limitações em decorrência do número reduzido de participantes. Três fatores podem ter influenciado nesta amostra diminuta: o primeiro diz respeito à carga horária e aos afazeres atribuídos da categoria. Devemos considerar, ainda, os deslocamentos semanais das participantes da pesquisa para a participação na mesma. Outro fator a ser considerado é a dificuldade das professoras em olhar para esse tema tão sensível sem que isso venha a reverberar em suas próprias questões referentes à morte e ao luto. Outro aspecto a considerar é que todas as participantes foram mulheres educadoras. Em tempo, deve-se considerar ainda o recorte local desse estudo, que foi reduzido a uma região do interior do estado do Rio Grande do Sul, que possui suas características populacionais e culturais. Sugere-se que futuros estudos busquem investigar as percepções de educadores em outras regiões do Estado e do país, buscando ampliar discussões sobre o tema.

Ao final, considerando a hipótese inicial da pesquisa, as falas das educadoras demonstram que, de fato, elas não se sentem preparadas para lidar com situações difíceis enfrentadas por estudantes que vivenciaram a morte de um familiar e seu subsequente luto. Contudo, observa-se que, embora não possuam em suas formações orientações para lidar com tais situações e, muitas

vezes, sintam-se coibidas pelos familiares dos enlutados, o acolhimento, o olhar atento e a escuta sensível se fazem presentes quando esta realidade se atravessa em suas escolas.

Espera-se que, a partir desta investigação, sejam produzidos recursos que contribuam para a abordagem do tema em sala de aula e para o acolhimento de estudantes que estejam vivenciando um processo de luto.

REFERÊNCIAS

AFTER Life. Direção: Ricky Geravis. Reino Unido. Netflix, 2019-2022. Seriado.

AMOUR. Direção: Michael Haneke. França: 2012. 1 DVD (127 min).

ARAGÃO, Milena. Educação sobre luto e morte: uma proposta de formação continuada docente. **Revista de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 3–10, 2022. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/revistadech/article/view/4154>. Acesso em: 18 jun. 2026.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **Histórias lindas de morrer**. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 16 jun. 2023.

CASELLATO, Gabriela. **Luto por Perdas não legitimadas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2020.

CONRAD, Jaqueline Maria; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Contando histórias sobre a morte: uma análise dos livros do PNBE para crianças. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 29, n. 3, p. 148-164, 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/5202>. Acesso em: 16 jun. 2023.

CORONAVÍRUS Brasil. In: MINISTÉRIO da saúde, Brasília, DF, [2023]. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 16 jun. 2023.

DIDION, Joan. **O ano do pensamento mágico**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo. Summus, 2021.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4 p. 503-511, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yhbQfWtKqLhF7g5m8pyjP4G/?lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2023.

HATTGE, Morgana Domênica; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Estamos preparado? *In*: HATTGE, Morgana Domênica; SANTOS, Francieli Karine dos; COSTA, Daniel Marques (Org.). **Inclusão escolar: um itinerário de formação docente**. Lajeado: Univates, 2020. *E-book*. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/327/pdf_327.pdf. Acesso em: 16 jun. 2023.

KOVÁCS, Maria Julia (Org.). **Morte e existência humana**: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção. Barueri: Guanabara Koogan, 2008.

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte**: quebrando paradigmas. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2021.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MAZORRA, Luciana; TINOCO, Valéria. O luto pela perda de um irmão. CASTELLATO, Gabriela. *In*: CASELATO, Gabriela (Org.). **Luto por perdas não legitimadas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2020.

MEDEIROS, Emerson Augusto; AMORIM, Giovana Carla Cardoso. Análise textual discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação. **Laplage em revista**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 247-258, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5527/552756523020/552756523020.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2022.

MENEZES, Eliana; SCHWERTNER, Suzana Feldens; HATTGE, Morgana Domênica. Por uma escuta da infância: inclusão escolar e as demandas pós-pandemia. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, v. 9, p. 1-19, 2022. Disponível em: Vista do Por uma escuta da infância: inclusão escolar e as demandas pós-pandemia. Acesso em: 18 jun. 2026.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo e análise de discurso: convergências e divergências. **Revista de Educação**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 199, 2004.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB/?lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2023.

O REI Leão. Direção: Roger Allers e Rob Minkoff. Produção: Don Hahn. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1994. 1 DVD (89 min.).

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

RODRIGUEZ, Cláudia Fernanda. Adolescentes. Vidas interrompidas: por que é tão importante falar sobre morte com eles? *In*: KOVÁKS, Maria Julia. **Morte e existência humana**: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção. Barueri: Guanabara Koogan, 2008.

SCHUCK, Rogério. J.; BRUXEL, Vera Lúcia. K.; STRAUSS, Magali B. A morte na percepção de alunos de quatro a dez anos: um olhar a partir de escolas do vale do Taquari/RS. **Interfaces da educação**, Campo Grande, v. 4, n. 12, p. 132-152, 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/503>. Acesso em: 16 jun. 2023.

SOUL. Direção: Pete Docter. Estados Unidos: Pixar, 2020. 1 DVD (100 min.).

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte**: desafios. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2008.